

# Trotsky e a teoria latino-americana do desenvolvimento\*

RONALD H. CHILCOTE\*\*

## Por uma mudança radical na América Latina

Marcando o reconhecimento devido a James Petras por sua vida militante e por sua produção acadêmica, volto ao tema que nos suscitou profundo interesse desde nossos anos de estudante no início dos anos 1960. Nosso interesse evoluiu enquanto estudávamos as revoluções e entrávamos em contato com progressistas por toda América Latina. A Revolução Cubana nos influenciou de forma singular. Diferentemente de muitos de nossos professores, viajamos muito, dividimos preocupações e nos tornamos sensíveis a questões e problemas da América Latina. Ao longo dos anos, Jim [Petras] escreveu dezenas de livros e centenas de artigos, lançando base para entender a América Latina e sua relação com o resto do mundo. No fundamental temos compartilhado a crítica da política dos EUA, notadamente nas páginas da revista bimestral *Latin American Perspectives* e no livro *Latin America: the Struggle with Dependency and Beyond* (1974), que vendeu dezenas de milhares de exemplares.

Ficou claro para mim que esse novo pensamento suscitou intenso interesse sobre o modo como o imperialismo afeta o desenvolvimento ou o subdesenvol-

---

\* Meus agradecimentos para Timothy Harding, Michael Löwy e Adam Morton pelos comentários e sugestões, e Jennifer Dugan Abbassi, Mallison Stan e Jerry Riposa pela assistência na pesquisa. [Publicado originalmente em: Velmeyer, Henry (Ed.). *Imperialism, Crises and Class Struggle: The Enduring Verities and Contemporary Face of Capitalism. Essays in Honour of James Petras*. Brill, 2010, p.39-66. Tradução de Francisco Quartim de Moraes.]

\*\* Professor do Departamento de Economia da University da Califórnia e editor de *Latin American Perspectives*.

vimento latino-americano, e que a compreensão da dependência em relação ao mundo capitalista avançado, e especialmente aos EUA, foi essencial nas novas formulações teóricas. Algumas delas foram atribuídas às ideias de Trotsky, que passou os últimos anos de sua vida no México e incorporou a América Latina em suas reflexões. Vim a conhecer alguns intelectuais influenciados por Trotsky: Silvio Frondizi (1954, 1957, 1960) na Argentina, Guilherme Lora (1977) na Bolívia e Luis Vitale (1968) no Chile. Por mais de vinte anos eu me correspondi com Lora, e, ocasionalmente, com Luis Vitale.

Esse breve histórico ajuda a entender minha motivação para explorar mais profundamente a influência de Trotsky sobre os conceitos latino-americanos de subdesenvolvimento, desenvolvimento e dependência.

### **Trotsky, subdesenvolvimento e dependência: atraso e capitalismo tardio**

O pensamento de Leon Trotsky<sup>1</sup> (1879-1940) inspira-se fortemente em suas experiências revolucionárias na Rússia e sua revolução, mas também em sua trajetória posterior a sua expulsão da Rússia em 1929. Foi o exílio no México, de 1937 até sua morte, que lhe permitiu desenvolver suas ideias sobre a América Latina (1961). Meu estudo diz respeito à elaboração de quatro conceitos úteis para a compreensão das teorias desenvolvimentistas e de sua relevância para as teorias do desenvolvimento capitalista, do subdesenvolvimento e da dependência, tais como notadamente se manifestaram na América Latina durante a última metade do século XX.<sup>2</sup>

Países menos desenvolvidos não necessariamente devem seguir o caminho das nações avançadas, e sua condição pode ser uma consequência do avanço do capitalismo em outros lugares. “Atraso” pode ser entendido como desenvolvimento capitalista tardio (um termo frequentemente encontrado na literatura sobre o subdesenvolvimento), provocado por terem de seguir caminhos diferentes daqueles dos países capitalistas avançados. Trotsky frequentemente usa o termo

1 Nascido em uma família de agricultores judeus na Ucrânia, Trotsky evoluiu de um círculo de “narródniks” ao marxismo bolchevique; foi dirigente, em São Petersburgo, do Conselho de Trabalhadores Delegados (o primeiro Soviet na história) na revolução de 1905 e um dos chefes da revolução de 1917. Foi cofundador, junto com Lenin, da Terceira Internacional. Ele organizou oposição a Stalin em 1926. Deportado, ele fez o chamado para uma Quarta Internacional. Entre os estudos da vida de Trotsky que lhe são simpáticos há os de Avenas (1975), Deutscher (1954-1963), e Mandel (1979). Entre os críticos que o atacam, há os de Mavrakis (1976) e Volkogonov (1996). Já Baruch (1979) e Howe (1976) oferecem visões críticas acadêmicas. Wilson (1972) fornece um retrato introdutório dentro da tradição radical europeia. Ver também Tariq Ali e Phil Evans (1980).

2 Não é minha intenção exagerar a importância do trotskismo. Alan Wald (1994-1995) sugere que o trotskismo norte-americano, fundado em 1928, se exauriu. Ele critica Alex Callinicos (1990) pela análise vista através do prisma de uma determinada linha de pensamento, como a do Partido dos Trabalhadores Socialistas Britânico. Callinicos (1986-1987) argumenta que trotskismo “tem sido geralmente intelectualmente resistente aos temas do marxismo ocidental”, enfatizado por Perry Anderson e outros.

para descrever a Rússia e a revolução que ele imaginava, como uma revolução do atraso. Assim, em *A Revolução Russa*, escreveu: “A característica fundamental e mais estável da história da Rússia é o ritmo lento de seu desenvolvimento, com atraso econômico, primitivismo das formas sociais e o decorrente baixo nível cultural” (Trotsky, 1959, p.1).

Embora o país atrasado “assimile as conquistas materiais e intelectuais dos países avançados”, ele

não toma as coisas na mesma ordem [...]. O privilégio do atraso histórico [...] permite [...] pular toda uma série de etapas intermediárias [...]. Mas essa possibilidade não é de modo algum absoluta. Seu grau é determinado a longo prazo pela capacidade de desenvolvimento econômico e cultural do país. A nação atrasada não raramente deprecia as realizações que tomou emprestadas ao adaptá-las a sua própria cultura mais primitiva. (Trotsky, 1959, p.2-3)

A constante referência de Trotsky ao atraso é semelhante à ênfase de Paul Baran, cujo *A economia política do desenvolvimento* foi um best-seller em toda América Latina. Segundo ele, “o mundo atrasado tem sempre representado o interior (‘hinterland’) imprescindível do capitalismo ocidental altamente desenvolvido” (1960, p.12). Ele argumentou que essa região não poderia alcançar a acumulação como os países desenvolvidos fizeram ou superar os obstáculos do monopólio capitalista e do imperialismo.

André Gunder Frank estudou com economistas conservadores na Universidade de Chicago, mas foi influenciado por Baran. O economista Guido Mantega acredita que tanto Trotsky quanto Rosa Luxemburgo podem ter influenciado Frank. Ele ressalta que a posição de Luxemburgo sobre as relações entre países capitalistas avançados e os pré-capitalistas coloniais assemelhava-se à hipótese de Trotsky sobre a tendência do mundo capitalista à estagnação durante as primeiras décadas do século XX. Luxemburgo e Trotsky notaram que a acumulação capitalista levaria a uma polarização de classes em escala mundial.<sup>3</sup> Trotsky acreditava que o imperialismo impediria o avanço das forças produtivas nos países menos desenvolvidos. Essas ideias tendem a apoiar a noção de desenvolvimento do subdesenvolvimento capitalista, exposta nos trabalhos de Frank (1966) e outros (Mantega, 1982, p.229-230).<sup>4</sup>

3 Geras acredita que Rosa Luxemburgo foi uma das principais arquitetas da teoria da revolução permanente. Ela era próxima do pensamento de Trotsky e, apesar de algumas diferenças, “ela adotou uma perspectiva essencialmente idêntica à da teoria da revolução permanente” (1975, p.4-5).

4 Howard e King (1989, p.223) citam Marx: “O país que é mais desenvolvido industrialmente apenas mostra, ao menos desenvolvido, a imagem de seu próprio futuro”, uma proposição à qual aderiram Plekhanov e Lenin, mas não Trotsky em sua teoria sobre o processo revolucionário russo, primeiro expressa em 1904-1906, a qual, argumentam eles, se aproxima de suas perspectivas mais tardias.

## Desenvolvimento desigual e combinado

Trotsky fala de duas leis relacionadas ao desenvolvimento capitalista lento e atrasado.

Desigualdade, a lei mais geral do processo histórico, revela-se mais acentuada e complexa no destino dos países atrasados. Sob o açoitado da necessidade externa, sua cultura atrasada é impelida a dar saltos. A partir da lei universal da desigualdade ele deriva outra lei, que pela falta de melhor nome, podemos chamar de lei do *desenvolvimento combinado*; com isso queremos designar uma convergência entre os diferentes estágios do processo, uma combinação de passos separados, um amálgama entre formas arcaicas e mais contemporâneas. (1959, p.4)

Ele observa que o desenvolvimento combinado é evidente no caso da Rússia: o cultivo camponês da terra permanecia arcaico, enquanto a indústria utilizava tecnologia do mesmo nível ou até superior à dos países avançados. A ascensão do Estado soviético foi o resultado do desenvolvimento combinado na forma de uma mescla de elementos retrógrados e tendências modernas: “uma guerra camponesa – isto é, um movimento característico do despontar do desenvolvimento burguês – e uma insurreição proletária, o movimento sinalizando seu declínio. Esta é a essência de 1917” (1959, p.48).

A passagem sugere uma caracterização dessas leis como desenvolvimento desigual e combinado, mas as análises trotskistas geralmente falam em desenvolvimento combinado e desigual. Michael Löwy, entretanto, intitulou um de seus livros importantes *As políticas do desenvolvimento desigual e combinado* (1981). Murray Smith considera-as, “talvez, sua (de Trotsky) maior contribuição teórica” (1996-1997, p.46-47) e pensa que, embora não a tenha completamente explicitado em suas observações sobre a comuna camponesa russa, Marx teria considerado a lei do desenvolvimento combinado e desigual essencial para o materialismo histórico.

Outros escritores, com menos simpatia por Trotsky, concentram-se no desenvolvimento desigual e combinado. Howard e King argumentam que esta ideia não foi introduzida apenas por Trotsky. Eles acreditam que ela se encontra em *O capital* de Marx, em que o materialismo histórico é implicitamente compreendido como envolvendo um processo de desenvolvimento desigual e combinado:

As épocas de transição são aquelas em que dois modos de produção estão combinados em uma única formação social. O desenvolvimento desigual, em que o modo progressivo avança e os outros estagnam, traz por fim uma crise que só pode ser resolvida através da revolução social. (Howard; King, 1989, p.230)

Eles identificam aspectos dessas ideias tanto em Plekhanov quanto em Lenin, cujas perspectivas diferiam das de Trotsky. Enquanto Lenin, por exemplo, em seu

*Desenvolvimento do capitalismo na Rússia* (1899), procurou mostrar a extensão e a natureza subdesenvolvida do capitalismo russo, Trotsky, ao invés, enfatizou sua forma concentrada e avançada em um contexto de agricultura pré-capitalista. Lenin baseou a aliança do proletariado e do campesinato numa condição de atraso em comum; Trotsky sustentou a tese oposta. Howard e King sugerem que Tugan-Baranovsky teria influenciado Trotsky, embora esse último não o cite, argumentando ser inconcebível que Trotsky não tenha lido *A fábrica russa*, onde tais ideias aparecem (Howard; King, 1989, p.228).

O alcance dessas ideias de Trotsky vai, portanto, além da visão determinista de Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista* (1848), de estágios sucessivos a partir de formas primitivas através do capitalismo, socialismo e finalmente comunismo.

Para ele, a modernização russa foi um processo desequilibrado. Alguns setores não apenas saltaram à frente de outros, mas o fizeram absorvendo os atributos mais avançados [...]. O núcleo de seu argumento é que a Rússia atrasada em processo de modernização desenvolveu estruturas econômicas que eram simultaneamente as mais modernas e as mais atrasadas da Europa. Esta forma desequilibrada fornece uma das chaves de sua história e futuro. (Howard; King, 1989, p.228)

O economista James O'Connor, que escreveu um importante livro sobre o impacto do capital monopolista sobre Cuba antes da revolução (1970), também aplicou a categoria de desenvolvimento desigual e combinado para a crise ecológica contemporânea. Ele define o desenvolvimento desigual “como a desigualdade, historicamente produzida, da distribuição espacial de indústrias, bancos, comércio, riqueza, consumo, relações de trabalho, configurações políticas etc.” (1989, p.1). Ele cita alguns escritores que fazem distinção entre categorias de desenvolvimento e subdesenvolvimento ou países ricos e pobres. Chega a sugerir, num nível mais teórico, que o desenvolvimento desigual é a relação de exploração entre as dicotomias cidade e campo, centro e periferia, nações desenvolvidas e subdesenvolvidas, que servem como base para a reprodução do capitalismo global. Quanto ao desenvolvimento combinado, define-o como articulação das formas econômicas, sociais e políticas encontradas em regiões desenvolvidas, contrastando com aquelas encontradas em regiões subdesenvolvidas, que permitem ao capital maximizar os lucros, avançar a tecnologia, organizar indústrias e garantir a divisão do trabalho que mais o beneficia. Ele faz alusão a Marx como o primeiro a estabelecer a ideia de desenvolvimento desigual, mas não há referência a Marx ou Trotsky em sua discussão sobre desenvolvimento combinado.

Adam Morton (2008) enxerga o desenvolvimento desigual no México baseando-se em Marx e Trotsky. Ele leva em conta a declaração de Novack de que o desenvolvimento desigual e combinado “é indispensável para compreender o desenvolvimento da América Latina ao longo dos últimos quatro séculos” (Novak,

1976, p.103).<sup>5</sup> Tanto Novack quanto Löwy (1975) refutaram a caracterização de Romagnolo de “desenvolvimento desigual e combinado” como “fragmentário e subdesenvolvido” (1975, p.8). Interessado nas relações pré-capitalistas e capitalistas no México, Morton também percebe a relevância do termo no capitalismo global: “As tendências desiguais do desenvolvimento capitalista têm se desdobrado dentro do quadro de um mercado mundial já existente e de um sistema organizado de relações interestatais” e ele identifica literatura recente para sustentar sua afirmação. Em particular, ele percebe que a atenção de Trotsky para as desigualdades do desenvolvimento histórico foi retomada por Adolfo Gilly “para inserir a combinação específica do desenvolvimento do capitalismo no México dentro de seu desigual modo de inserção no mercado mundial” (2009, p.5-7).

### Revolução permanente

Em *A revolução permanente* (1932), Trotsky argumentou que a revolução socialista começa no nível nacional, mas inevitavelmente se estende para outros países, especialmente no mundo industrial avançado: “Uma revolução nacional não é um todo autossuficiente; é apenas um elo da cadeia internacional” (Trotsky, 1964a, p.65). Ele se opôs aos esforços para estabelecer e manter o estágio reformista democrático, argumentando que este estágio é simplesmente transitório; apenas a transformação socialista da sociedade leva a “um estágio permanente de desenvolvimento revolucionário” (Trotsky, 1964a, p.63-64; 1964b) e também formulou uma concepção de desenvolvimento e subdesenvolvimento na sua lei de desenvolvimento desigual e combinado. Em *História da Revolução Russa*, ele argumentou que países atrasados não necessariamente seguem o caminho dos países capitalistas avançados. Os caminhos não são predeterminados; eles podem saltar etapas na rota para o socialismo: “Seu desenvolvimento como um todo adquire um caráter não planejado, complexo, combinado” (Trotsky, 1959, p.3). A desigualdade é especialmente evidente nos países “atrasados”. O desenvolvimento combinado implica diferentes estágios se aproximando resultando em um amálgama de formas arcaicas com outras mais contemporâneas. Trotsky argumentou que o socialismo depende largamente do resultado da revolução mundial. A revolução proletária deve se propagar para países atrasados, mas embora estes possam ser os primeiros a levá-la adiante, podem ser os últimos a alcançar o socialismo. Em qualquer hipótese, eles precisam desenvolver suas forças produtivas na luta para chegar ao socialismo. Essa visão do desenvolvimento socialista foi contraposta à teoria de Stálin de revolução por estágios e seu pressuposto de uma revolução democrática em países atrasados independentemente da revolução proletária (Chilcote, 1984, p.20).<sup>6</sup>

5 Morton (mensagem pessoal para Chilcote, 5 de fevereiro de 2009) nota que George Novack (1972, p.98) encara a desigualdade do desenvolvimento como um aspecto que precede ao da sua combinação e que essa ênfase é mantida por J. Rosenberg (2005, p.68-69, nota 28).

6 Michael Löwy acredita que a Revolução Cubana influenciou intelectuais na medida em que ilustrou o argumento de Trotsky de que apenas uma revolução socialista pode liberar países semicoloniais do imperialismo (Löwy, comunicação pessoal com Chilcote, 11 fev. 2009).

Ernest Mandel tenta esclarecer a questão central acerca da teoria da revolução permanente distinguindo entre diversas posições. Os mencheviques alegavam que, por serem as tarefas da revolução burguesas e democráticas, apenas um governo burguês e um Estado burguês poderiam alcançá-las; esforços da classe proletária para tomar o poder resultariam em um retrocesso da revolução. Trotsky respondeu que a burguesia apoiaria a contrarrevolução e, ainda, que se ela mantivesse sua hegemonia a própria revolução entraria em colapso. Apenas o proletariado poderia conduzir o processo revolucionário, aliado ao campesinato pobre, destruindo o Estado burguês e tomando o governo. Antes de 1917, Lenin manteve uma posição intermediária, rejeitando a proposição de que a burguesia poderia realizar as tarefas da revolução nacional democrática na Rússia, mas sem sustentar que a destruição imediata do Estado burguês era fundamental no processo revolucionário. Mandel afirma que Lenin seguiu uma linha de “república democrático-burguesa: desenvolvimento do capitalismo na Rússia; mudança do partido dos trabalhadores para a oposição tão logo triunfasse a revolução democrática” (1983, p.451). Até 1916, Lenin admitiu a possibilidade de partidos políticos camponeses independentes da burguesia e do proletariado, uma tese rejeitada por Trotsky.<sup>7</sup>

### **Transição socialista e revolução**

As teorias do desenvolvimento geralmente enfatizam o desenvolvimento capitalista, enquanto as teorias do subdesenvolvimento e dependência dão ênfase à exploração dos países atrasados pelo capitalismo. Marx e Engels enfatizavam o desenvolvimento das forças e meios de produção, do feudalismo para o capitalismo e desse último para o socialismo. Geralmente se assumia que uma burguesia nacional deveria promover o desenvolvimento capitalista, como no caso da Inglaterra e dos Estados Unidos. Mas nos países atrasados, as forças de produção devem ser desenvolvidas a fim de alcançar o socialismo sem passar pela fase democrático-burguesa. Trotsky acreditava que tal tarefa caberia ao proletariado em conjunto com os camponeses pobres. Examinando os caminhos da revolução, ele caracteriza primeiro o método conspirativo, “tomada deliberada do controle por uma minoria de um movimento espontâneo da maioria”, cujo resultado, via de regra, é a substituição de um grupo fechado da classe dominante por outro grupo fechado da mesma classe. Em toda sociedade, ele argumentou, há “contradições

7 Howard e King acreditam que a visão de Trotsky é a “afirmação mais radical do socialismo revolucionário a ser encontrado no marxismo russo” (1989, p.223). Tarefas democráticas, eles argumentam, não podem ser alcançadas através de uma república burguesa, mas apenas através de uma revolução socialista. Eles sustentam que a revolução permanente “é em consequência fechada dentro de uma contradição que só pode ser superada se a revolução se estender para além das fronteiras nacionais e se tornar ininterrupta ou ‘permanente’ na esfera internacional” (1989, p.225). Portanto, nenhuma revolução socialista teria sucesso isoladamente, mas apenas seria possível se o capital internacional fosse debilitado pela propagação da revolução para outras partes do mundo (1989, p.233). A revolução socialista poderia começar em países isolados, mas só poderia ser alcançada em escala mundial (Callinicos, 1990, p.11).

suficientes para que uma conspiração possa enraizar-se em suas fendas”. Essa experiência histórica foi ilustrada na Espanha, em Portugal e na América do Sul. Outro caminho é a insurreição em massa que resulta na substituição de um regime social por outro. Todavia, insurreição popular e conspiração não se excluem mutuamente em todas as circunstâncias:

Um elemento de conspiração quase sempre entra, em algum grau, em qualquer insurreição. Sendo historicamente condicionada por um certo estágio do amadurecimento da revolução, a insurreição em massa nunca é puramente espontânea [...]; ela pode ser prevista, preparada e organizada com antecedência. Neste caso, a conspiração é subordinada à insurreição, põe-se a seu serviço, aplaina seu caminho, acelera sua vitória. Quanto mais alto o nível político de um movimento revolucionário e mais séria a sua liderança, maior será o lugar ocupado pela conspiração em uma insurreição popular. É de extrema importância compreender as relações entre insurreição e conspiração, tanto naquilo em que se opõem, quanto naquilo em que se complementam.

Em certas condições, uma insurreição popular pode ser vitoriosa mesmo sem uma conspiração:

Surgindo espontaneamente da indignação universal, dos protestos dispersos, das manifestações, greves e os choques de rua, uma insurreição pode surgir em uma parte do exército, paralisar as forças do inimigo e derrubar o velho poder. Em certa medida, foi o que aconteceu em fevereiro de 1917 na Rússia. (1959, p.304-305)

Ele passa a diferenciar o papel da burguesia e do proletariado na revolução:

A burguesia pode ganhar poder em uma revolução não porque ela é revolucionária, mas porque é burguesa. Ela tem em sua posse a propriedade, a educação, a imprensa, uma rede de posições estratégicas, uma hierarquia de instituições. Ocorre o oposto com o proletariado. Privado pela natureza das coisas de todas as vantagens sociais, um proletariado insurreto pode contar apenas com seu número, sua solidariedade, seus quadros, seu aparelho organizativo. (1959, p.306)<sup>8</sup>

Em seu congresso fundador, em 1938, a Quarta Internacional estabeleceu um programa de transição para o socialismo, por oposição ao programa democrático-

---

8 Jon Elster se propõe a examinar a questão levantada por Trotsky de que “A transição do capitalismo para o comunismo que chega dependeu crucialmente de [...] um centro avançado e uma periferia atrasada” (1986, p.55). Ele não acredita que a teoria do desenvolvimento desigual e combinado explica qualquer transição em particular. Além disso, que Trotsky falhara na sua hipótese de que o avanço poderia ser atingido através do potencial revolucionário dos países atrasados combinado à altamente desenvolvida tecnologia dos países avançados.

-burguês (Frank, 1979). Trotsky observou que no mundo capitalista a opção era o fascismo ou o socialismo, o que deixava o proletariado sem alternativa além da revolução socialista. No programa revolucionário, ele levou adiante a ideia de desenvolvimento combinado e desigual nos países atrasados, argumentando que o proletariado elaboraria políticas que combinassem as lutas elementares da independência nacional e da democracia burguesa com a luta socialista contra o imperialismo mundial. Assim, a revolução democrática evoluiria sob direção proletária. Ele admitiu que o liberalismo burguês era possível em países capitalistas privilegiados e reconheceu, embora não a tenha aprofundado, a tese de que a sobrevivência do capitalismo nas metrópoles dominantes dependia não apenas do lucro interno, mas também da possibilidade de altas taxas de mais-valia através da exploração das colônias.

### **A influência trotskista na América Latina**

Trotsky desafiou ideias ortodoxas sobre o desenvolvimento na Rússia e na Europa, mas também se preocupou com a América Latina – sobretudo depois de sua chegada ao México em 1937. Em uma coletânea de ensaios intitulada *Pelos Estados unidos socialistas da América Latina* (1961), ele esboçou sua estratégia para o socialismo na América Latina, argumentando que a melhor maneira de lá combater o fascismo seria através da luta contra o imperialismo e da implementação de uma revolução agrária, apontando para o México como um exemplo de país semicolonial capaz de quebrar a dependência servil, dar terras aos camponeses e elevar os índios ao nível mais alto da civilização (1961, p.13). A principal tarefa dos países atrasados, segundo ele, é lutar contra o capital estrangeiro e reconhecer que a industrialização depende menos da burguesia do que do proletariado. O papel do Estado é trabalhar com a classe operária para resistir ao imperialismo (1961, p.15). O proletariado das zonas atrasadas deve contar com a colaboração do proletariado dos centros metropolitanos e da classe trabalhadora de todo o mundo (1961, p.31).

Os problemas da revolução agrária estão relacionados à luta anti-imperialista contra a Inglaterra e os Estados Unidos. Ele mergulha em uma breve análise do regime “semifascista” de Getúlio Vargas no Brasil, sugerindo que seu sentimento nacionalista pode servir à luta anti-imperialista. Ele observa o papel dos camponeses na Bolívia e defende a manutenção de suas parcelas pequenas e individuais ao mesmo tempo em que também se organizam em fazendas coletivas abertas fora do domínio dos grandes latifúndios (1961, p.39).

Podemos nos perguntar até que ponto as ideias de Trotsky influenciaram os pensadores latino-americanos que criticaram as ideias ortodoxas sobre o desenvolvimento capitalista. Munck (1984, p.11) acredita que o peruano José Carlos Mariátegui, um marxista independente, era “próximo da concepção de Trotsky sobre revolução permanente” já que sua análise enfatizou a autonomia em relação à concepção stalinista de uma burguesia-nacional e de um partido democrático.

Ele argumenta que existe um consenso generalizado na América Latina acerca da questão da natureza combinada e desigual do desenvolvimento latino-americano, devido principalmente à popularidade da teoria da dependência que “deve muito à análise trotskista” (1984, p.114).

Escritores latino-americanos têm preconizado a autonomia e uma via de desenvolvimento que não dependa das nações capitalistas avançadas, especialmente dos Estados Unidos. Eles frequentemente convergem com algumas perspectivas de Trotsky, mas a maioria deles provavelmente não estava familiarizada com as ideias desse último. As referências a Trotsky não aparecem em seus escritos e Marx é raramente citado. Um exemplo é o de Raúl Prebisch, o economista argentino que, em resposta à frustração com a incapacidade do capitalismo em modernizar a América Latina, propôs uma abordagem estruturalista, distinguindo os centros capitalistas avançados da periferia atrasada. Ele estava preocupado com a substituição de importações e a imposição de tarifas na América Latina para que uma infraestrutura capitalista pudesse evoluir de forma autônoma e uma burguesia nacional pudesse conduzir o desenvolvimento nacional. Sem dúvida, essa formulação interessava a André Gunder Frank, que durante o início dos anos 1960 viajou para a América Latina, para o Brasil em particular, e logo depois elaborou sua noção de desenvolvimento capitalista do subdesenvolvimento (1966). Sua dicotomia envolvia centros capitalistas chamados metrópoles e periferias atrasadas chamadas satélites. Certamente, as ideias de atraso e mais-valia no trabalho de Baran influenciaram sua formulação, e embora ele não tenha admitido nenhuma influência de Trotsky em seu pensamento, Guido Mantega sugeriu (1982, p.157) que as teses de Trotsky acima referidas foram retomadas com mais detalhes por Frank e por Ruy Mauro Marini, que ofereceu (1973, 1978) uma variante do desenvolvimento desigual e combinado com a elaboração da teoria da superexploração dos trabalhadores periféricos, na qual ele também expôs sua tese sobre o subimperialismo, segundo a qual o desenvolvimento das forças de produção brasileiras estão vinculadas à extração do excedente dos países vizinhos. Essas ideias eram semelhantes às concepções de Leon Trotsky, reproduzidas nas teses da Quarta Internacional.

Mantega também assinala a semelhança de ideias entre Theotônio dos Santos e outros que vinculam a teoria da dependência às proposições fundamentais do trotskismo. Dos Santos (1970) examinou as formas históricas de dependência, enfatizando a nova dependência como uma explicação para o atraso latino-americano.<sup>9</sup> O antropólogo mexicano Rodolfo Stavenhagen (1968) questionou as noções predominantes sobre o atraso, enquanto o sociólogo Pablo González Casanova (1969) adotou o conceito de colonialismo interno para explicar a dicotomia entre

9 Dos Santos insistiria em que no fundamental ele não concorda com as teses de Trotsky. Na prática, ele foi influenciado pela perspectiva do socialismo democrático e pela ideia de que uma burguesia nacional seria um instrumento na construção das forças produtivas que viabilizassem o socialismo no Brasil.

metrópoles e satélites. Esses pensadores não citam explicitamente Marx, Lenin ou Trotsky em seus escritos, mas, na busca comum de uma explicação para o atraso de seus países, eles sustentam que o desenvolvimento de nações atrasadas não está predeterminado, que etapas podem ser canceladas na rota para o socialismo, que o desenvolvimento pode ser desigual, complexo e de caráter combinado, e pelo menos implicitamente, que uma revolução socialista é atingível.

Movimentos trotskistas apareceram na América Latina a partir de 1929, quando Trotsky foi para o exílio e surgiu uma oposição aos partidos comunistas emergentes. Em 1931, uma cisão no Partido Comunista Chileno resultou na formação da Izquierda Comunista, que se organizou como um partido de trabalhadores e assumiu a causa dos camponeses e índios, mas ela se dissolveu poucos anos depois quando seus líderes trotskistas se uniram ao Partido Socialista Chileno. As principais linhas do primeiro trotskismo giravam em torno de Juan Posadas, Jorge Abelardo Ramos e Nahuel Moreno na Argentina, Mário Pedrosa no Brasil, Luis Vitale no Chile, Sandino Junco em Cuba e Guillermo Lora na Bolívia. Uma questão central do trotskismo concernia à libertação nacional, sustentada por Ramos, cujo movimento constituiu uma ala esquerda do peronismo. Uma tendência proletária, no entanto, opôs-se a qualquer aliança com movimentos nacionalistas, a menos que a hegemonia do proletariado estivesse assegurada.

Essas e outras posições políticas dividiram os trotskistas não somente na Argentina, mas em outros lugares nos anos 1950. Em 1953, o Partido Obrero Revolucionario (POR) da Bolívia, por exemplo, dividiu-se em duas facções: uma, libertária nacional, liderada por Hugo González Moscoso, tornou-se a linha oficial e apoiou Michel Raptis (1974) ou Pablo; e a outra, proletária, liderada por Lora, enfatizou a necessidade de organizar um partido proletário antes de fomentar uma insurreição e tomar o poder. Em 1963, os trotskistas se uniram ao MR-13 na Guatemala para proclamar o caráter socialista da revolução e construir um partido dos trabalhadores do movimento guerrilheiro. No Peru, duas tendências trotskistas apareceram em 1960: uma liderada por Ismael Frias, que buscava associação com a reformista APRA e outra envolvendo Hugo Blanco (1972) e a organização dos sindicatos camponeses militantes na área La Convención dos Andes. Embora ambos os movimentos tenham sido por fim reprimidos, os trotskistas peruanos demonstraram que milícias camponesas poderiam estar intimamente ligadas às necessidades das massas, em contraste com a estratégia de confronto de guerrilha modelada segundo a experiência da Revolução Cubana.<sup>10</sup>

Influenciada pelas resoluções da Tricontinental, da Organización Latinoamericana de Solidaridad (OLAS) e da corrente revolucionária castrista, a Quarta Internacional aprovou acriticamente em 1969 uma linha de guerra civil prolongada através da luta guerrilheira. Isso levou a uma aliança entre o Partido Revolucionario

10 Ver Munck (1984, p.79-117) para uma discussão mais ampla dessas correntes, e também Chilcote, (1993, p.173-174).

de Trabajadores (PRT) e o ERP na Argentina, apesar deste movimento ter saído da Quarta Internacional em 1973. Um partido rival, o Partido Socialista de Trabajadores (PST), liderado por Moreno, participou das eleições em 1973, obtendo 150 mil votos. Essas perspectivas contrastantes (luta armada contra participação eleitoral) dividiram o movimento trotskista, sem impedir que as duas organizações entrassem em colapso diante da repressão brutal gerada pelo golpe de 1976.

No Chile, Vitale pediu aos trotskistas para atuarem com o Partido Socialista, no âmbito da UP, em vez de formar um partido revolucionário independente. Alguns trotskistas unidos ao MIR, no entanto, formaram a Liga Comunista de Chile (LCC), que esteve ativa na resistência após o golpe de setembro de 1973. Em 1975 uma coligação de grupos trotskistas, incluindo o Partido Obrero Revolucionario de Lora, reafirmou sua posição ortodoxa sobre a natureza da luta anti-imperialista e atacou as correntes trotskistas predominantes na América Latina que tinham defendido o “aventureirismo foquista”. No México, o PRT evoluiu a partir de lutas estudantis de 1968 e tornou-se um grupo revolucionário proeminente com milhares de membros, à esquerda do partido comunista.

Claramente, um dos mais importantes avanços do trotskismo na América Latina foi a sua ruptura com o stalinismo e com a ênfase ortodoxa na teoria dos estágios, consignada no programa revolucionário dito Teses de Pulacayo, que combinavam um programa revolucionário marxista com ênfase no crescente proletariado boliviano e foram aprovadas pelo POR em 1964. Munck (1984, p.86-87) considerou-as “um dos mais notáveis documentos na história dos movimentos de classe trabalhadora na América Latina”, e retoma de Lora (1977, p.246-247) uma passagem daquele documento: “A Bolívia é um país capitalista atrasado [...], apenas um elo na cadeia do mundo capitalista” e o proletariado “constitui a classe revolucionária”. Hoje na Bolívia com a ascensão de um presidente de esquerda, Evo Morales, o POR permanece ativo com frequentes tomadas de posição, críticas e análises de César Uscamayta e sua *Prensa Obrera* em La Paz.<sup>11</sup>

## Os argentinos

As principais linhas de pensamento trotskista prevaleceram entre intelectuais, acadêmicos e estudantes da Argentina, via de regra agrupados em pequenos partidos e movimentos sindicais. Elas foram muitas vezes obscurecidas pela política nacional, mas em tempos de crise, suas ideias e análises manifestam-se claramente (Coggiola, 1983; Peñalosa, 1953; Valle, 1982). Entre as personalidades importantes destes debates, Silvio Frondizi, um marxista contrário à política intransigente dos comunistas argentinos, inspirou-se nos escritos de Trotsky e concentrou-se nas questões do subdesenvolvimento e da dependência. Seu pensamento inicial apareceu em um ensaio sobre integração mundial e capitalismo (Frondizi, 1954), no qual enfatizou as contradições do imperialismo comercial britânico e do imperialismo

<sup>11</sup> Ver <<http://amr-bolivia.blogspot.com>>.

industrial norte-americano. Ele também examinou os vínculos entre imperialismo e burguesia nacional em países coloniais e semicoloniais, o que o levou à crítica da burguesia nacional e da tese sobre a sociedade dual defendida pelos partidos comunistas na América Latina. Donald Hodges (1974, p.98-99) sugeriu que Frondizi foi o primeiro a defender a ideia de uma nova dependência, que mais tarde apareceu nos escritos de Theotônio dos Santos. Frondizi era líder de uma pequena corrente intelectual, *Praxis*, junto com os trotskistas Milcíades Peña e Nahuel Moreno (Hugo Bressano). Peña e Moreno também enfatizaram a importância do imperialismo comercial britânico e do imperialismo industrial americano na Argentina. Na *Praxis* eles contestaram a linha stalinista do Partido Comunista Argentino, embora um dos colaboradores mais próximos de Frondizi, Marcos Kaplan, insista em que Frondizi nunca foi formalmente associado à Quarta Internacional.<sup>12</sup>

O ensaio de Frondizi sobre a integração mundial foi uma réplica ao líder comunista argentino Rodolfo Ghioldi, que havia contestado uma versão anterior desse texto no jornal comunista *La Hora* (16 de março de 1947). Frondizi argumentou que o capitalismo baseado na livre competição poderia apenas sobreviver em países atrasados, com expansão ilimitada da produção. Em *La realidad argentina*, ele procurou demonstrar a incapacidade da burguesia argentina em levar adiante a revolução democrático-burguesa por conta da sua dependência direta em relação ao capitalismo monopolista internacional (Frondizi, 1957, v.1, p.333). Ele acreditava que as nações semicoloniais e coloniais da periferia não se beneficiaram da revolução democrático-burguesa devido a sua dependência econômica e política. Esses países sofreram “um tremendo impacto deformante, econômica e politicamente” (Frondizi, 1957, v.1, p.27).

Na teoria que elaborou sobre a relação entre nações dependentes, periféricas e subdesenvolvidas e as nações dominantes, centrais e avançadas, Frondizi procurou mostrar como o monopólio capitalista e o imperialismo provocam a desintegração do capital nacional. Ele acreditava que a intervenção do Estado, políticas reformistas e subsidiárias eram inúteis, de modo que a única solução estava no caminho para o socialismo, que exigia a identificação das condições para a revolução e a tomada do poder pelo proletariado (Frondizi, 1957, v.2).

Luis Vitale, nascido na Argentina em 1927, esteve envolvido em diversos movimentos afiliados à Quarta Internacional e mais tarde tornou-se cidadão naturalizado do Chile, do qual escreveu uma vasta história em seis volumes (1967). Um de seus ensaios sobre atraso da América Latina (1968) critica a tese dominante segundo a qual o feudalismo foi transplantado da Espanha medieval para o Novo Mundo e de que uma aristocracia feudal havia governado a América Latina até o século XX, bloqueando o capitalismo e a ascensão de uma burguesia nacional. Ele acreditava que um capitalismo inicial já existia desde o século XVI, que a conquista das Américas estava associada à exploração e comercialização de metais

<sup>12</sup> Entrevista de Marcos Kaplan para o autor, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1982.

preciosos e que a América Espanhola era governada não por senhores feudais, mas por uma burguesia comercial, cuja fonte de riqueza eram as exportações. Desde a independência essa burguesia dominante havia permanecido dependente do mercado mundial, o que contribuiu para o atraso do continente. Uma luta contra a burguesia levaria a uma ruptura com o imperialismo: “A reforma agrária e a expulsão do imperialismo são, e sempre serão, mais contra a burguesia do que a seu favor” (1968, p.42).

Ernesto “Che” Guevara escreveu sobre o homem socialista, difundiu um manual de guerrilha, mas sua prática foi sobretudo voltada à luta contra o imperialismo e à implantação do socialismo pela via da insurreição. Michael Löwy mostra paralelos nos pensamentos de Trotsky e Guevara. Crítico da burguesia nacional, Che acreditava numa revolução socialista que Löwy descreve como “em consonância com [...] a teoria de Trotsky sobre revolução permanente” (2008, p.83).

Considerando que a revolução socialista pode começar em nível nacional, mas depois se difundir por outros países, a estratégia global de Che na guerra contra o imperialismo envolveu a criação de “dois, três, muitos Vietnãs, a fim de obrigar o imperialismo a dispersar suas forças” (Löwy, 2008, p.110)

Um dos biógrafos de Che, Jon Lee Anderson, lembra-nos de que nas profundezas da floresta tropical boliviana, em um confronto com os perseguidores, Che perdeu um volume de Trotsky que ele estava lendo (1997, p.721). Embora Che nunca se referisse a si mesmo como um trotskista, outro biógrafo seu, Carlos Castañeda, menciona seu contato com trotskistas na Argentina em janeiro de 1964 (1997, p.248) e se refere a uma entrevista com o assessor de Che, Benigno, que recorda que em 1965 Che foi acusado de ser um trotskista: “diziam para Che que ele era um trotskista [...] foi Raúl quem disse [...] que suas ideias deixavam claro que ele era um trotskista” (apud Castañeda, 1997, p.296).

Com a queda do muro de Berlim, da União Soviética e do Leste Europeu, a marxista cubana Célia Hart Santamaría descobriu Trotsky. Até sua trágica morte no final de 2008, Célia abriu um diálogo sobre o papel de Trotsky na revolução da América Latina e relacionou Trotsky ao Che:

Não penso que haja uma aplicação prática mais convincente da revolução permanente que a efetuada por este grande revolucionário e herói da juventude do século XX [...]. Ficou claro para o Che que uma verdadeira revolução e o verdadeiro socialismo não eram exclusividade de meu país ou de meu continente. A bandeira desta lenda acusada de romantismo e pureza foi interpretada por todos os ângulos. Ela promoveu o latino-americanismo e o anti-imperialismo. (2004)

Hart considerou a Revolução Bolivariana de Hugo Chávez na Venezuela como uma base para a unidade latino-americana, desde que não se comprometesse com

o imperialismo. Ela nos lembra que Trotsky também sonhava com essa unidade enquanto estava no México e que, embora o stalinismo o tenha silenciado, suas ideias estariam em revoluções que se levantariam mais cedo ou mais tarde. Em suas leituras, ela encontrou na obra de Trotsky similitudes com os escritos de Che Guevara e sentiu que suas ideias foram distorcidas e que era essencial discernir conceitos que ela tinha percebido de Che Guevara sobre a revolução permanente, o desenvolvimento desigual e combinado dos países capitalistas atrasados, o internacionalismo, ou as críticas à burocracia soviética. Deve-se reconhecer “seu senso de internacionalismo como uma necessidade premente de continuar a luta revolucionária, um internacionalismo militante comprometido em todos os aspectos”. Mas Hart (2007) também criticou a esquerda trotskista, principalmente na Argentina, por ver Che apenas como um mártir ou herói sem reconhecer suas contribuições para a teoria revolucionária. Ela sustentou que tanto Che como Trotsky defenderam os direitos dos explorados à violência contra seus exploradores:

Eu venho da Revolução Cubana e ressalto Trotsky sem ser membro de nenhum partido trotskista. Estou apenas apontando que meus camaradas trotskistas deveriam ver no Che Guevara um camarada de armas, ler seus trabalhos e perceber que não há duas maneiras de pensar mais semelhante que as deles. Mesmo suas contradições revelam que eles seguem um mesmo caminho e oferecem soluções semelhantes para os mesmos problemas, cada qual a seu modo. E o mesmo vale para os seguidores de Che Guevara: conhecer Leon Trotsky um pouco além de seus partidos ao invés de rejeitá-lo [...]. Nós deveríamos inventar um termo para nos referir a todos os marxistas que se afastaram da linha oficial de Moscou e continuaram nadando contra a maré. De fato, os promotores da linha oficial acusaram Che, Mella e muitos outros de serem trotskistas. Será que eles estavam certos? (Hart, 2007)

## Os brasileiros

Trotsky não mantém uma presença forte entre os intelectuais e trabalhadores brasileiros, mas seus seguidores estavam ativos desde a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922. Cândido Filho (1982) identifica intelectuais brasileiros entre as grandes figuras do movimento trotskista. A maioria deles rompeu com o PCB em 1928 (1982, p.163-165): Aristides Lobo, Lívio Xavier, Patrícia Galvão, Geraldo Ferraz, Plínio Melo, Mário Pedrosa, Edmundo Moniz, Febus Gikovate, além de líderes sindicais como João da Costa Pimenta, Joaquim Barbosa e Hilcar Leite. Em 1937-1938, outra divergência de opiniões envolveu Hermínio Sacchetta, que havia liderado o PCB em São Paulo, mas deixou o partido para organizar o Partido Socialista Revolucionário que Mário Pedrosa considerou um grupo dissidente do movimento trotskista brasileiro.<sup>13</sup> Sacchetta

13 Pedrosa, que representou a “continuidade da revolução” (*Em Tempo*, n.140, 12 nov.-2 dez. 1981), foi membro do primeiro comitê executivo da Quarta Internacional em 1938.

aceitou a posição de que apoio incondicional deveria ser dado para a defesa da União Soviética, enquanto Pedrosa e Moniz pensavam que a burocracia estatal ali tornar-se-ia uma classe governante que interferiria na realização de um Estado socialista ou de trabalhadores (Dulles, 1983, p.167-168).

As atividades dos trotskistas no Brasil foram analisadas em detalhe por Gorenther (1987), que identificou uma corrente ortodoxa, o Partido Socialista Revolucionário (Trotskista) ou PSR(T), que agregava estudantes e intelectuais ligados à Quarta Internacional e era orientado por Juan Posadas, o qual defendia uma perspectiva de Terceiro Mundo sobre a revolução mundial, inspirada pela Revolução Cubana. Em 1962, a linha Posadas expressou-se através do órgão teórico *Frente Operária*. Ao mesmo tempo, apareceu também uma corrente independente, inspirada por Rosa Luxemburgo, Bukharin e outros e liderada por intelectuais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais que, em reação às teses reformistas do Partido Comunista Brasileiro, fundaram a Organização Revolucionária Marxista (ORM) e um periódico (inicialmente um jornal e depois uma revista) chamado *Política Operária*. O grupo era conhecido comumente pelo nome Política Operária (Polop) e incluía jovens intelectuais como Vânia Bambira, Moniz Bandeira, Juarez Guimarães de Brito, Michael Löwy, Ruy Mauro Marini, Eder Sader, Emir Sader e Theotônio dos Santos. Eles foram influenciados por Eric Sachs, um dissidente comunista de origem alemã radicado no Brasil, mais conhecido pelo pseudônimo de Ernesto Martins. A Polop realizou três conferências (1961, 1963 e 1964) e concentrou-se em uma crítica ao reformismo e ao nacionalismo, embora segundo Gorenther (1987, p.36), tendo se mostrado incapaz de elaborar uma alternativa viável, tendeu ao isolamento.

Ao reconstituir esses momentos passados, Emir Sader salientou a influência trotskista no movimento Polop. Ativo leninista e trotskista, ele explica a aceitação de Trotsky, Gramsci e outros, por que eles tendiam a reforçar as críticas à União Soviética e aos partidos comunistas ortodoxos. Ruy Mauro trabalhou para organizar um braço da propaganda (foco militarista) para mobilizar os militares, principalmente no Rio. Ele foi preso em 1964 e um ano depois deixou o país. Theotonio já havia partido.<sup>14</sup>

Mesmo confirmando ser evidente a influência trotskista na Polop, Marini sustentou que ela não era dominante. Ele próprio era mais leninista na época e recebia grande influência de Erich Sachs. As críticas de Trotsky eram usadas para atacar o PCB. A revolução permanente não era tão importante, mas a ideia do desenvolvimento desigual e combinado era – e isso veio de Trotsky, embora Lenin também tenha usado essa ideia em seus trabalhos depois de Luxemburgo (Moniz, 1980), e posteriormente Trotsky tenha empregado o conceito. Marini traduziu alguns dos textos de Trotsky e Lenin sobre o imperialismo. Ele acredita que a Polop foi importante na formação da ideia de dependência. O interesse teórico na época concentrava-se mais nas ideias de Baran e Paul Sweezy, por conta de suas

<sup>14</sup> Entrevista de Emir Sader para o autor, Rio de Janeiro, 29 jul. 1991.

análises contemporâneas sobre o sistema capitalista, do que nas de Trotsky. Frank chegou ao Brasil muito influenciado por Baran, mas assimilou em profundidade as ideias da Polop, de Lenin e de outros autores. Seus primeiros escritos foram publicados na *Revista Brasiliense*, editada por Caio Prado Jr., um comunista cujas ideias colidiam com a linha do seu partido. Nelson Werneck Sodré, outro comunista, foi a maior figura dentro do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o Iseb, um laboratório de ideias no Rio, que se notabilizou pela formulação de uma ideologia de nacionalismo desenvolvimentista no Brasil.

Marini achou necessário reformular a análise do capitalismo no Brasil, delinear uma estratégia e um programa; ele acreditava ser esta a contribuição da Polop à esquerda e à possibilidade do socialismo. Ele assinala a importância da revista argentina *Praxis* para a formação da Polop; um de seus integrantes, Marcos Kaplan, participou do primeiro congresso da Polop em janeiro de 1961: “Este foi o início do nosso alcance internacional. O trabalho de Silvio Frondizi foi importante também para nós e para a teoria da dependência”.<sup>15</sup> Marini elaborou suas ideias sobre subimperialismo antes de se exilar no México em 1965. “Nós adotamos essas ideias do exterior na busca por uma nova teoria da dependência. A teoria da dependência nunca foi uma teoria acadêmica. Foi um esforço político. Uma tentativa de desenvolver uma teoria revolucionária não comunista”. Ele permaneceu no México até 1969 e depois transferiu-se para o Chile para trabalhar com Dos Santos, até Salvador Allende ser deposto no final de 1973.

O decano da sociologia brasileira, Florestan Fernandes, fez referência a sua filiação antecipada com o trotskismo em uma entrevista com vários intelectuais brasileiros (1981a, p.18-23), bem como em sua entrevista comigo, realizada em São Paulo, em 26 de setembro de 1983. Há uma referência a Trotsky em seu *A revolução burguesa no Brasil* (1981b). Em uma discussão sobre sua primeira juventude, ele explica o interesse pelo PCB e por seu célebre dirigente Luiz Carlos Prestes. Nesse período, o PCB não atraiu a juventude radical. Após o Estado Novo, o PCB juntou-se a grupos que apoiavam Getúlio Vargas:

Particpei nessa época de um grupo trotskista de extrema esquerda, chamado Coligação Democrática Radical e nele permaneci até 1940. Eu sempre mantive contato com outros grupos, por exemplo, os anarquistas, os socialistas e antigos militantes que não eram da minha geração. Eu circulava com pessoas de esquerda, com exceção do PCB [...] mas eu era conhecido por minha orientação trotskista. (1981a, p.18)

Depois de abandonar o trotskismo, ele ficou marginalizado das atividades políticas. Quis participar do PCB, mas sentia que suas posições eram frequentemente negativas e permaneceu fora do partido:

<sup>15</sup> Entrevista de Ruy Mauro Marini para o autor, Rio de Janeiro, 30 jul. 1991.

Com frequência discutia esse dilema com Antonio Candido, desde que me juntei ao grupo trotskista. Sua preferência era pelo socialismo revolucionário. Depois que abandonei o trotskismo, conversamos novamente e ele me encorajou a continuar com o meu trabalho intelectual e me dedicar à carreira acadêmica. (1981a, p.19)

Em resposta a uma pergunta que resumia sua posição de que os partidos políticos não oferecem soluções, ele foi perguntado por que o intelectual era incapaz de preencher esse espaço, e ele respondeu que o intelectual não poderia fazê-lo, nem poderia formar seu próprio movimento em uma sociedade de classes na qual o trabalhador não poderia amadurecer politicamente e desenvolver-se como uma classe independente (1981a, p.23).

### **Considerações finais**

Primeiramente, parece haver uma relação entre a teoria da revolução permanente e o modelo de desenvolvimento capitalista de subdesenvolvimento, o que reflete uma versão importante da teoria da dependência, particularmente evidente no pensamento de Frank e Marini. A ideia do desenvolvimento desigual e combinado, em que os países avançados continuariam a se desenvolver às custas da exploração das colônias e de áreas atrasadas semicoloniais, é semelhante à concepção de metrópole-satélite da tese de Frank sobre o desenvolvimento capitalista de subdesenvolvimento (1967), em que a metrópole explora a mais-valia dos satélites, que por sua vez tornam-se subdesenvolvidos.

Em segundo lugar, inerente à teoria da revolução permanente, está a crença de que a burguesia colonial e semicolonial é incapaz de cumprir sua principal tarefa histórica, a de realizar uma revolução democrático-burguesa. Dada essa circunstância, Mantega sustenta que Trotsky, Frank e Marini ressaltam todos o papel do proletariado para levar adiante a necessária transformação através de uma revolução socialista, dessa forma libertando do capitalismo as forças produtivas. Ainda assim, Marco Aurélio Garcia insiste em que Marini procurou distinguir-se do trotskismo fazendo uma crítica a teoria da revolução permanente por ser economicista, embora ele observe que Marini usou a ideia de cooperação antagônica de modo paralelo à teoria do desenvolvimento desigual e combinado para caracterizar as relações entre a burguesia brasileira e o capitalismo. Garcia também afirmou que a influência trotskista sobre a teoria da dependência foi maior que a de Lenin, porque “Lenin tratou da dependência em termos muito gerais, enquanto Trotsky tentou estudar a dependência de forma mais concreta, descrevendo seus mecanismos internos”.<sup>16</sup>

---

16 Entrevista de Marco Aurélio Garcia para o autor, Campinas, 12 de setembro de 1984. Garcia é um hábil observador político e foi um organizador essencial do Partido dos Trabalhadores (PT). Sobre a influência trotskista no PT, ver Santos e Vidal (1982).

Em terceiro lugar, já próximo ao fim de sua vida e pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, Trotsky observou uma profunda crise na qual os regimes democráticos do centro continuaram a explorar a periferia, cujo excedente lhes teria permitido a atenuação da luta de classes. A esquerda precisou lutar contra o fascismo assim como contra o imperialismo (Trotsky, 1961, p.13), porque a burguesia, em alguns países adiantados, tais como Alemanha e Itália (que haviam perdido suas colônias), precisou passar da democracia para o fascismo, a fim de continuar com a exploração da periferia. Do mesmo modo, em países periféricos como Argentina e Brasil, a burguesia voltou-se para o fascismo, uma tese desenvolvida por Dos Santos (1973). Assim, o fascismo permitiu o desenvolvimento das condições de superexploração, conforme a elaboração de Trotsky, Dos Santos e Marini, que notaram similarmente que as forças produtivas humanas haviam parado de crescer e que uma alternativa se fazia necessária.

Em quarto lugar, a noção de Trotsky sobre revolução permanente mundial estava ligada ao papel estratégico dos países na periferia subdesenvolvida que romperam seus laços com as metrópoles e precipitaram um colapso do imperialismo. Marini salientou a revolução socialista nos países periféricos, sustentando que isso levaria a uma revolução mundial e traria a revolução socialista aos países atrasados (Mantega, 1982, p.227). Mantega também notou que a teoria de Trotsky de revolução permanente projetou uma transição imediata para o socialismo sem as transformações burguesas sugeridas por Lenin, uma proposição que dividiu a esquerda brasileira (1982, p.136).

Dos Santos aceitou a teoria marxista sobre a expansão dos centros imperialistas e sua dominação sobre a economia mundial, mas também procurou uma teoria que enfocasse as leis do desenvolvimento interno em países afetados por esta expansão:

A relação de interdependência entre duas ou mais economias e entre estas e o comércio mundial, assume a forma de dependência quando alguns países (os dominantes) podem expandir-se e ser autossustentáveis, enquanto outros países (os dependentes) podem fazer isso apenas como um reflexo dessa expansão, o que pode ter um efeito positivo ou negativo sobre o seu desenvolvimento imediato. (Dos Santos, 1970, p.231)

Ao invés de enfatizar a imagem do capitalismo nos países avançados como meio de superação do atraso, ele ressaltou a natureza desigual do desenvolvimento, evidente nos escritos trotskistas, embora tenha negado em uma conversa pessoal qualquer influência trotskista em seu pensamento.<sup>17</sup> Marco Aurélio Garcia concorda que Dos Santos, por ser oriundo do movimento jovem do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), não foi influenciado pelo trotskismo e finalmente se

---

<sup>17</sup> Entrevista de Theotônio dos Santos para o autor, Rio de Janeiro, 7 jul. 1995.

tornou antitrotskyista.<sup>18</sup> Garcia destaca a força do trotskismo no Brasil, nos anos 1930 e 1980. Nesse segundo período, muitas correntes prevaleceram, incluindo a do Alicerce da Juventude Socialista, ligado internacionalmente a Nahuel Moreno; a da Causa Operária e seu jornal de mesmo nome e a da Democracia Socialista, ligada ao jornal *Em Tempo*.

Todas essas ideias sobre subdesenvolvimento eram parte de um ataque de intelectuais independentes de esquerda contra as posições intransigentes do PCB, particularmente sobre as questões do semifeudalismo como base para o atraso e a perspectiva de que a burguesia nacional cumprisse seu papel histórico na transformação capitalista. Mantega afirma que essas ideias foram amplamente inspiradas pela tese defendida por Trotsky em 1906, de que o atraso russo não era um obstáculo para a revolução socialista. Sob certas condições, o proletariado dos países da periferia pode tomar o poder antes do proletariado dos países avançados. Ele acreditava que, sob certas circunstâncias, o baixo nível de desenvolvimento capitalista na Rússia poderia levar a uma rápida ascensão ao poder do proletariado. Trotsky (assim como Lenin) argumentou que apesar do seu atraso a Rússia tinha de fato desenvolvido algumas linhas de industrialização capitalista nas últimas décadas do século XIX, principalmente em Moscou e São Petersburgo, onde um grande proletariado havia se desenvolvido junto a uma burguesia fraca, e a industrialização foi largamente implantada pelo capital estrangeiro apoiado pelo Estado. Consequentemente, a burguesia não poderia eliminar os remanescentes feudais porque era débil na época. Isto deu ao proletariado a oportunidade de provocar uma mudança revolucionária. Em *Revolução permanente*, Trotsky elaborou tal ideia argumentando que a postergada revolução burguesa na Rússia poderia ser alcançada através do proletariado; especificamente, seus objetivos seriam a realização da reforma agrária e a reconstrução democrática do Estado. A reforma agrária implicava a nacionalização da propriedade e a eliminação das diferenças de renda. Esses diferentes padrões de progresso ilustram a ideia de desenvolvimento capitalista desigual e combinado em escala mundial, em que as colônias e ex-colônias alimentam a acumulação das metrópoles imperialistas às suas próprias custas e dessa forma o capitalismo periférico permanece débil, impedindo a burguesia de cumprir a empreitada de uma revolução democrática. Mantega afirma que Trotsky “interpreta o capitalismo em sua fase imperialista como um sistema internacional articulado por laços de dominação e dependência” (Mantega, 1982, p.143) e mostra a impossibilidade de uma democracia nacional plenamente revolucionária nos países atrasados.

### Referências bibliográficas

ALEXANDER, R. J. *Trotskyism in Latin America*. Stanford: Hoover Institution Press, 1973. Revisado por Maitan, *International Trotskyism 1929-1985*. Durham, North Carolina: Duke University Press, 1978.

---

<sup>18</sup> Entrevista de Marco Aurélio Garcia para o autor, Campinas, 12 set. 1984.

- ALI, T.; EVANS, P. *Trotsky for Beginners*. New York: Pantheon, 1980.
- ANDERSON, J. L. *Che Guevara: a Revolutionary Life*. New York: Grove Press, 1997.
- AVENAS, D. *La pensée de Leon Trotsky*. Toulouse: Privat Editeur, 1975.
- BANDEIRA, L. A. M. *O caminho da revolução brasileira*. Rio de Janeiro, 1962.
- . Origens e evolução do PTB. In: *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n.4, p.95-116, out. 1978.
- BARAN, P. *The Political Economy of Growth*. New York: Prometheus, 1960. Publicado originalmente em 1957 pela Monthly Review Press.
- BARUCH, K.-P. *The Social and Political Thought of Leon Trotsky*. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- BLANCO, H. *Land or Death: the Peasant Struggle in Peru*. New York: Pathfinder Press, 1972.
- CALLINICOS, A. *Trotskyism: Concepts in Social Thought*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990.
- CAMPOS, J. R. *O que é trotskismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. Coleção Primeiros Passos.
- CÂNDIDO FILHO, J. *O movimento operário: o sindicato, o partido*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- CASTAÑEDA, J. G. *Compañero: The Life and Death of Che Guevara*. New York: Alfred A. Knopf, 1997.
- CHILCOTE, R. H. *The Brazilian Communist Party: Conflict and Integration, 1922-1972*. New York: Oxford University Press, 1974.
- . *Theories of Development and Underdevelopment*. Boulder: Westview Press, 1984.
- . From Popular Power to Bourgeois Democracy: The Case of Portugal. In: KURTH, J.; PETRAS, J. *Mediterranean Paradoxes: The Politics and Social Structure of Southern Europe*. Oxford: Berg Publishers, 1992, p.128-159.
- . Left Political Ideology and Practice. In: CARR, B.; ELLNER, S. (orgs.). *The Latin American Left: From the Fall of Allende to Perestroika*. Boulder: Westview Press, 1993, p.171-186.
- . *Theories of Development and Underdevelopment*. Boulder: Westview Press, 1984.
- COGGIOLA, O. L. A. *Le mouvement trotskyste en Argentine (1929-1959)*. Paris, 1983. 629f. Dissertação – Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Université de Paris.
- DEUTSCHER, I. *The Prophet Armed: The Prophet Unarmed. The Prophet Outcast*. Oxford: Oxford University Press, 1954-1963.
- . (ed.). *The Age of Permanent Revolution: a Trotskyist Anthology*. New York: Dell Publishing, 1964.
- DOS SANTOS, T. *Socialismo e fascismo: el nuevo carácter de dependencia e el dilemma latinoamericano*. Buenos Aires: Periferia, 1973.
- . The Structure of Dependence. *American Economic Review*, v.60, p.231-236, May 1970.
- DULLES, J. W. F. *Brazilian Communism, 1935-1945: Repression During World Upheaval*. Austin: University of Texas Press, 1983.
- ELSTER, J. The Theory of Combined and Uneven Development: a Critique. In: ROEMER, John (org.). *Analytical Marxism*. New York: Cambridge University Press, 1986, p.54-77.

- FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981b.
- \_\_\_\_\_. Entrevista: Florestan Fernandes, a pessoa e o político. *Nova Escrita Ensaio*, v.4, p.9-39, dez. 1981a.
- FRANK, A. G. The Development of Underdevelopment. *Monthly Review*, v.18, p.17-31, September 1966.
- \_\_\_\_\_. *Capitalism and Underdevelopment in Latin America: Historical Studies of Chile and Brazil*. New York: Monthly Review Press, 1967.
- FRANK, P. 1979. *The Fourth International*. London: Ink Links, 1979.
- FRONDIZI, S. *La integración mundial, última etapa del capitalismo* (respuesta a una crítica). 2.ed. Buenos Aires: Praxis, 1954.
- \_\_\_\_\_. *La realidad argentina: ensayo de interpretación sociológico*. 2.ed., 2v. Buenos Aires: Praxis, 1957.
- \_\_\_\_\_. *La revolución cubana: su significación histórica*. Montevideo: Editorial Ciencias Políticas, 1960.
- GERAS, N. Rosa Luxemburg after 1905. *New Left Review*, p.3-46, January-February 1975.
- GONZÁLEZ CASANOVA, P. Internal Colonialism and National Development. In: HOROWITX, I. L.; CASTRO, J.; GERASSI, J. (orgs.). *Latin American Radicalism*. New York: Vintage, 1969. p.118-139.
- GORENDER, J. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.
- HART, Célia. How Can You Not Be a Trotskyist in the Cuban Revolution! Entrevista para David Rey, 6 de julho de 2007. Disponível em: <[http://www.marxist.com/Latinam/cuba\\_celia\\_hart100504](http://www.marxist.com/Latinam/cuba_celia_hart100504)>.
- \_\_\_\_\_. Socialism in One Country and the Cuban Revolution. (2004). Disponível em: <[http://www.marxist.com/Latinam/cuba\\_celia\\_hart100504.html](http://www.marxist.com/Latinam/cuba_celia_hart100504.html)>.
- HOWARD, M. C.; KING, J. E. (1989, 1992). *A History of Marxian Economics*, 2v. Princeton: Princeton University Press, 1989-1992.
- HOWE, I. (org.). *The Basic Writings of Trotsky*. New York: Random House, 1976.
- LORA, G. *A History of the Bolivian Labor Movement (1848-1971)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- LÖWY, M. Is there a Law of Arrested and Un-combined Development? *Latin American Perspectives*, v.2, n.4, p.118-120, 1975.
- \_\_\_\_\_. *The Marxism of Che Guevara*. 2.ed. New York: Monthly Review Press/Rowman and Littlefield, 2008.
- \_\_\_\_\_. *The Politics of Combined and Uneven Development: The Theory of Permanent Revolution*. London: New Left Books, 1981.
- MAITAN, L. Apuntes para una historia del trotskismo en América Latina. *Combate*, v.32.
- MANDEL, E. In Defense of Permanent Revolution. *Intercontinental Press*, v.21, p.444-463, August 8 1983.
- \_\_\_\_\_. *Trotsky: a Study of the Dynamic of his Thought*. London: New Left Books, 1979.
- MANTEGA, G. *Raízes e formação da economia política brasileira: a fase estagnacionista*. São Paulo: 1982. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

- MARINI, R. M. *Dialéctica de la dependencia*. México: Ediciones Era, 1973.
- . *Subdesarrollo y revolución*. Mexico City: Siglo Veintiuno Editores, 1969.
- . World Capitalist Accumulation and Sub-Imperialism. *Two Thirds*, v.1, p.29-39, Fall 1978.
- MARTINS, E. *Aonde vamos?* Rio de Janeiro (?), mimeo. Gorender (1987: 39) cita o ensaio “Na história da POLOP. Um pouco da história da esquerda brasileira” e ensaios em *Em Tempo* (4 out. 1979 e 17 abr. 1980).
- MAVRAKIS, K. *On Trotskyism: Problems of Theory and History*. London: Routledge/Kegan Paul, 1976.
- MONIZ, E. A crise mundial do imperialismo e Rosa Luxemburgo. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v.25, p.195-202, jul. 1980.
- MORENO, N. *El golpe gorila de 1955: las posiciones del Trotskismo*. Buenos Aires: Editora Pluma, 1974.
- MORTON, A. D. Reflections on Uneven Development: Mexican Revolution, Primitive Accumulation, Passive Revolution. *Latin American Perspectives Fellowship at The University of California*, 2008, Riverside.
- MUNCK, R. Revolutionary Trends in Latin America. *Occasional Monograph Series*, v.17, Montreal, p.79-118, 1984,
- NOVACK, G. Critique of Frank’s Thesis of Capitalist Underdevelopment. *Intercontinental Press*, New York, v.15, nov. 1970.
- . The Law of Uneven and Combined Development and Latin America. *Latin American Perspectives*, v.3, n.2 p.100-106, 1976.
- . *Understanding History: Marxist Essays*. New York: Pathfinder, 1972.
- O’CONNOR, J. *The Origins of Socialism in Cuba*. Ithaca: Cornell University Press, 1970.
- PEÑALOZA, J. R. *Trotsky ante la revolución nacional latinoamericana*. Buenos Aires: Editorial Indo América, 1953.
- PRADO JÚNIOR, C. *A revolução brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.
- RAMOS, J. A. *La revolución nacional en Latinoamérica*. Buenos Aires: Ediciones del Mar Dulce, 1952.
- RAPTIS, M. *Revolution and Counter-Revolution in Chile*. London: Alison and Busby, 1974.
- ROMAGNOLO, D. The So-Called Law of Uneven and Combined Development. *Latin American Perspectives*, v.2, p.7-31, Spring 1975.
- ROSENBERG, J. Globalisation Theory: A Post-Mortem. *International Politics*, v.42, n.1, 2005.
- SANTOS, M.; VIDAL, R. G. A esquerda brasileira e o PT. *Internacionalismo*, v.2, p.19-36, janeiro-abril 1982.
- SEGAL, R. *Leon Trotsky*. New York: Pantheon, 1979.
- SMITH, M. E. G. Revisiting Trotsky: Reflections on the Stalinist Debacle and Trotskyism as Alternative. *Rethinking Marxism*, v.9, n.3, p.40-67, Fall 1996-1997.
- STAVENHAGEN, R. Seven Fallacies about Latin America. In: PETRAS, James; ZEITLIN, Maurice (orgs.). *Latin America: Reform or Revolution?* Greenwich/Connecticut: Fawcett Publications, 1968. p.13-31.

- TROTSKY, Leon. *Por los Estados unidos socialistas de América Latina*. Buenos Aires: Editorial Coyoacán, 1961.
- . *The Age of Permanent Revolution: a Trotsky Anthology*. New York: Dell Publishing, 1964b.
- . *The Russian Revolution: The Overthrow of Tzarism and The Triumph of the Soviets*. DUPEE, F. W. (org.). Garden City/New York: Doubleday Anchor.
- . The Theory of Permanent Revolution. In: *The Age of Permanent Revolution: a Trotsky Anthology*. New York: Dell Publishing, 1964a.
- VALLE, M. História do trotskismo argentino (de sua origem até 1945). *Internacionalismo*, p.95-111, 89-106, October 1981, January-April 1982.
- VITALE, L. *Interpretación marxista de la historia de Chile*. Santiago: Edicions de Prensa Latinoamericana, 1967.
- . Latin America: Feudal or Capitalist? In: PETRAS, J.; ZEITLIN, M. (orgs.). *Latin America: Reform or Revolution?* Greenwich/Connecticut: Fawcett Publications, 1968. p.32-43.
- VOLKOGONOV, D. *The Eternal Revolutionary*. New York: Free Press, 1996.
- WALD, A. (1994-1995), The End of American Trotskyism?. *Against the Current*, part 19, p.29-32, 34-38, 33-37, November-December 1994, January-February 1994, March-April 1995.
- WILSON, E. *To the Finland Station*. New York/London: Farrar, Straus & Giroux/Macmillan, 1972.

# Trotsky e a teoria latino-americana do desenvolvimento

RONALD H. CHILCOTE

*Resumo:* A elaboração de quatro conceitos de Trotsky (atraso, desenvolvimento combinado e desigual, revolução permanente e transição socialista) é útil para compreender as teorias do desenvolvimento capitalista, tais como se manifestaram precipuamente na América Latina durante a segunda metade do século XX.

*Palavras-chave:* Teoria do desenvolvimento, América Latina, Trotskismo, Revolução permanente, Subdesenvolvimento, Dependência.

*Abstract:* The elaboration of four concepts in the thought of Trotsky (backwardness, combined and uneven development, permanent revolution and socialist transition and revolution) is useful in understanding theories of capitalist development, underdevelopment and dependency, as prominently manifested in Latin America during the last half of the 20th century.

*Keywords:* Development theory, Latin America, Trotskyism, Permanent revolution, Underdevelopment, Dependency.

## A separação entre o econômico e o político e a questão da democracia no pensamento de Ellen M. Wood

DARLAN MONTENEGRO

*Resumo:* Este trabalho discute a leitura da historiadora e cientista política Ellen M. Wood acerca da importância da separação entre o econômico e o político na sociedade capitalista e sua análise acerca das limitações da democracia “moderna”, em comparação com a “antiga”. Sugiro, com base nessas reflexões, a necessidade de uma retomada da crítica democrática da teoria e das instituições liberais hoje dominantes, com base em uma perspectiva marxista. Proponho, ainda, a possibilidade de articular suas preocupações teórico-políticas com as reflexões gramscianas acerca da *necessidade* e da *liberdade* (ou